

SENSORIOGRAFIA: uma disciplina artística e performática em gestação e suas raízes no UM - Núcleo de Pesquisa Artística em Dança da UNESPAR/FAP e Limites em Movimento: Corpo em Questão

Diviane Helena de Oliveira¹

Resumo

Este memorial poético e reflexivo nasce do desejo de: compartilhar elementos presentes na construção de uma disciplina artística e performática que chamo de Sensóriografia e suas recentes definições móveis; resgatar as origens da Sensóriografia, aprofundar seus conceitos e compreender influências do UM – Núcleo de Pesquisa Artística em Dança da UNESPAR/FAP e Limites em Movimento: Corpo em Questão na elaboração dessa disciplina; e criar conexões com os trabalhos que venho desenvolvendo enquanto artista da dança, da escrita e do videoarte, considerando a experiência clínica fundada na psicanálise. As obras olhar devagar (looking slowly) e tocar devagar (touching slowly) serão apresentadas aqui como uma forma de enlaçar ideias e experiências corporais, linguísticas, artísticas e performáticas relacionadas com a criação da Sensóriografia. Trata-se de um texto escrito em primeira pessoa, com foco no aprofundamento da Sensóriografia, e que busca amplificar uma experiência singular, em processo de gestação, para um contexto mais amplo. Trata-se do desdobramento do artigo Sensorygraphy: Performance Poetry as Artistic Intervention, publicado em fevereiro de 2020 na Polyphony Journal of the Irish Association of Creative Arts Therapists; do artigo Sensorygraphy: words in movement as a sensitive manifestation of the heart and lungs, publicado em junho de 2022 na revista do XIX International Interdisciplinary Scientific and Practical Conference, SPACE OF ART THERAPY: the place of the individual in times of social transformations*; e é uma expansão da conferência Sensorygraphy | Sensóriografia, Primeiras Reflexões em Dança, Escrita e Percepção apresentada em novembro de 2021 na XV Mostra UM's e Outros 35 Anos da UNESPAR.

*Organizado por All-Ukrainian NGO, Art Therapeutic Association e Institute of Social and Political Psychology of the National Academy of Pedagogical Sciences of Ukraine.

Palavras-chave: Sensoriografia; Dança; Percepção; Escrita Criativa; Processos de Criação.

¹ Doutoranda no Structured PhD in Arts Practice da Irish World Academy of Music and Dance, University of Limerick. Mestre em Artes com ênfase em Arte Terapia pela Crawford College of Art & Design, Irlanda. Contemplada com a bolsa de estudos The Government of Ireland International Education Scholarship em 2018-2019 e 2022-2023. Pós-Graduada e Psicanálise Teoria e Prática e Bacharel em Psicologia e Formação de Psicólogo pela Universidade Federal do Paraná, contemplada com a bolsa de Iniciação Científica UFPR, Tesouro Nacional, CNPq. Membro da Psychological Society of Ireland, da Irish Association of Creative Arts Therapists, do Dance Ireland e do Irish Forum for Arts Practice Researchers and Artists.

Link para o currículo lattes <http://lattes.cnpq.br/7446419725966831>

Sensorygraphy: an artistic and performative discipline and its roots in UM - Núcleo de Pesquisa Artística em Dança and Limites em Movimento: Corpo em Questão

Abstract

This poetic and reflective memorial is born from the desire to: share elements present in the construction of an artistic and performative discipline that I name *Sensorygraphy* and its recent mobile definitions; rescue the origins of *Sensorygraphy*, deepen its concepts and understand the influences of the *UM – Núcleo de Pesquisa Artística em Dança da UNESPAR/FAP* and *Limites em Movimento: Corpo em Questão* in the elaboration of this discipline; and create connections with the work I have been developing as a dance, writing and video art artist, considering the clinical experience founded on psychoanalysis. The works *looking slowly* and *touching slowly* will be presented here as a way of linking ideas and bodily, linguistic, artistic and performative experiences related to the creation of *Sensorygraphy*. It is a text written in the first person, with a focus on deepening *Sensorygraphy*, and which seeks to amplify a unique experience, in the process of gestation, to a broader context. This is an offshoot of the article *Sensorygraphy: Performance Poetry as Artistic Intervention*, published in February 2020 in the *Polyphony Journal of the Irish Association of Creative Arts Therapists*; of the article *Sensorygraphy: words in movement as a sensitive manifestation of the heart and lungs*, published in June 2022, in the journal of the *XIX International Interdisciplinary Scientific and Practical Conference, SPACE OF ART THERAPY: the place of the individual in times of social transformations**. It is also an expansion of the *Sensorygraphy | Sensóriografia, Primeiras Reflexões em Dança, Escrita e Percepção* conference presented in November 2021 at the XV Mostra UM's e Outros 35 Anos da UNESPAR.

*Organized by All-Ukrainian NGO, Art Therapeutic Association and Institute of Social and Political Psychology of the National Academy of Pedagogical Sciences of Ukraine.

Keywords: Sensorygraphy; Dance; Perception; Creative Writing; Creation Processes.

Prefacio

Vivemos em um momento de constante indeterminação e de mudanças bruscas. Mesmo sabendo da impossibilidade de viver o futuro antes de chegar até ele, talvez já foi mais fácil prever o amanhã em outro momento da história da humanidade. Não há garantias, se é que um dia houve alguma. A incerteza domina múltiplos âmbitos da vida. Ser artista é a prova viva de que o imprevisto compõe os improvisos cotidianos e afetam os processos de criação.

Nosso corpo subjetivo, vivo e dinâmico é um lugar onde as relações afetivas se tornam possíveis, mesmo diante da guerra. Um lugar capaz de nos dar aconchego e sustento. A materialidade do corpo, as sensações físicas e a maleabilidade da linguagem nos revelam a dimensão transformadora das

relações que estabelecemos com o mundo. As experiências nos atravessam, marcam camadas temporais e se reconfiguram ao encontrar um espaço nas recordações subjetivas. Enquanto há vida, sentimos.

Sensóriografia nasceu na minha prática artística e compõe uma assemblagem de ideias vivas e de práticas experimentais formada de camadas finas, sutis, densas e fortes. Considero a geometria dessa folha como um espaço vazio no qual traço uma escrita experimental, reflexiva e poética com intersecções entre a prática artística e práticas performáticas misturadas com reflexões teóricas e experiências de vida.

Aqui compartilho ideias em desenvolvimento, sensações latentes, e práticas em processo de maturação. Aqui apresento parte do processo de construção de uma linguagem poética e sensorial das relações, acreditando nessa forma de linguagem como uma fundação essencial na criação e produção do conhecimento sensível.

Não é tão simples destilar cada influência, afinal muitas delas se amalgamam entre si e se tornam algo além. Nem tudo é visível quando navegamos num mar desconhecido e em fluxo constante. As reflexões aqui compartilhadas advêm do encontro com pessoas, culturas, idiomas, criações artísticas, literárias e performáticas, seres da natureza, lugares. Experiências vividas antes da minha chegada à atmosfera também integram esse escrito.

A psicanálise, a literatura, o conceito de *corpo propositor* (elaborado pela Rosemeri Rocha e experienciado no *UM - Núcleo de Pesquisa Artística em Dança da UNESPAR/FAP*) e o conceito de *audiopercepção* (elaborado por Andréa Sérgio e experienciado em uma intervenção com integrantes do grupo de pesquisa em dança *Limites em Movimento: Corpo em Questão*) compõem parte da fundamentação teórica desse processo de pesquisa artística e criação.

Sensóriografia nos convida a dialogarmos sobre relações entre dança, escrita, fala, sonoridade, espaço, tempo, sistema sensório-perceptivo-motor e (i)lógicas da linguagem. *Sensóriografia* manifesta um desejo de transmissão do frescor das ressonâncias vividas nos encontros e adentra em suas ramificações. Fique à vontade para construir pontes entre esse texto e seu próprio arcabouço experiencial.

Esse escrito é também uma homenagem ao UM - Núcleo de Pesquisa Artística em Dança da UNESPAR/FAP, coordenado pela Rosemeri Rocha, e ao Limites em Movimento: Corpo em Questão, coordenado pela Andréa Sério. Os dois grupos de pesquisa em dança são projetos de extensão da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Ambos são gratuitos, contínuos e abertos à comunidade.

Por uma Dança da Sensações

tocar devagar (touching slowly), 2017

Sensóriografia emerge da concepção do sujeito como poesia viva. Um ser capaz de ser poesia não apenas nos textos em que escreve, mas também em como se move, fala, age, e vive a própria vida (HELENA, 2020). *Sensóriografia* considera e acolhe o corpo como território sensível e móvel.

A peça de dança *tocar devagar (touching slowly)* criada em 2017, com a colaboração do artista da dança Lucas Saes e orientação da Juliana Adur, provocou uma mudança na forma como eu vinha desenvolvendo meu trabalho em dança e escrita.

Tocar devagar (touching slowly) é uma peça de dança, no formato de poema-performático, dedicada à poética da pele e ao encontro mutável. Adentramos no estudo das sensações deixando-as nos mover, experienciando seus sabores e seus mistérios, escutando suas palavras, dando vazão às grafias inscritas na especificidade de um tempo/espço. Mergulhamos na pele, nos pelos, nos poros, em seus detalhes, em suas vozes, em seus sonhos e devaneios. A peça de dança se constituiu do material experiencial transformado em uma artesanaria dançante, tecida em poemas advindos de sensações encarnadas no corpo.

Durante nossas práticas de movimento, as sensações corporais despertadas e a imaginação poética aflorada ao estar em ressonância com outro corpo em estado de dança começaram a chamar minha atenção. Voltei-me para os movimentos internos e para a linguagem emergente daquele encontro entre corpos em estado de entrega e confiança. Uma mutação constante de funções. O contato entre corpos e subjetividades gerava deslocamentos de concepções sobre sexualidade e convocava manifestações do corpo erótico.

Sentir as vibrações do coração ressoarem até a superfície da pele. Havia algo além da busca por gerar formas que combinassem nossas geometrias. Sensações não familiares despertaram, sensações inéditas revelavam algo mais acontecendo naquela dinâmica dançante. A memória borrada se fundia com poesia. A escrita deu suporte aos afetos urgentes e nutriu a fluidez física e linguística daquele encontro. Experiências brotadas dessa interação se constituíam como memória afetiva no corpo.

Não mais a mesma. Palavras escapavam. Palavras surgiam. Um diálogo sensível acontecendo. A presença do desejo, o desejo do próprio mover, do mover da linguagem. Atentar-se às memórias vindas, adentrando em camadas da intimidade de si e do outro. O escritor Kundera (1983) aponta para a *memória poética* como um encantamento que fica cravado no corpo: “Parece que existe no cérebro uma zona específica, que poderíamos chamar *memória poética*, que registra o que nos encantou, o que nos comoveu, o que dá beleza à nossa vida” (KUNDERA, 1983, p. 209).

Abertura das camadas da pele por vias incomuns, toque aflorador de memórias antigas, arcaicas, rudimentares. Um retorno breve à casa perdida. O resgate do primeiro encontro caloroso ao estar nos braços de alguém. O toque de um ser desconhecido passa a habitar minha intimidade, não mais a mesma. O desapego para aprender o quanto o apego também faz parte [apegar-se, a pegar-se]. Sinto o toque ao ser tocada, ao tocar, algo de mim, algo do outro.

146

Por uma Linguagem Sensoriográfica

escrita, dança, voz e interações

A partir das viagens pela anatomia e fisiologia do corpo, da imersão na dança, na escrita, na poesia, na literatura, e da minha experiência teórica e prática com a psicanálise, percebi o corpo subjetivo enquanto potência desejante que abarca uma linguagem própria e viva. Uma linguagem para além de um discurso controlado, uma linguagem para além de uma linguagem cotidiana.

A psicanálise tem uma função fundamental no processo de gestação da *Sensóriografia* ao revelar na prática, a função da fala e da linguagem como manifestação do desejo. No divã, a dança acontecia através da voz presente na

atmosfera do espaço, ocupando aquele silêncio e ao ser acolhida pela escuta atenta do analista. Uma escuta que me ensina a escutar e a me escutar.

A literatura abriu as portas da linguagem enquanto potencial de invenção de mundos. A poesia adere vibração a cada letra da linguagem, seja no papel ou no corpo. A dança se apresenta enquanto vitalidade do mover.

Sensóriografia é sobre linguagem, seja verbal, corporal, sonora ou visual. É sobre cada palavra encarnada que compõe um poema, um texto, uma coreografia, um discurso, um gesto, uma imagem, um som, um ato (HELENA, 2020). Uma linguagem advinda da sensibilidade e do potencial de se deixar sentir e afetar pelo mundo e pelas próprias experiências afetivas e sensoriais.

A arte é um sistema vivo de interações acionado pela linguagem. A linguagem interfere em como interagimos com outras vidas, em como nos responsabilizamos e em como nos comprometemos conosco e com quem criamos laços. A linguagem declara como interagimos umas com as outras, com o espaço, com o tempo, com as escolhas, com os pensamentos, com as ações, com os afetos, como os acontecimentos, com as ideias, com o desejo, com as dúvidas, com os imprevistos, com as pulsões, com a vida e com a morte.

Linguagem viva em constante ida e vinda, uma elasticidade acústica com efeitos fantasiosos e físicos. A responsabilidade linguística aponta para as consequências dos nossos atos, direcionando a luneta para uma ética da interação: “A língua nunca foi e nunca é, em tempo algum, um terreno apolítico, pois ela não pode ser separada daquilo que uma pessoa faz com a outra.” (MÜLLER, 2013, p. 40).

Hooks (2021) fala de uma *ética amorosa* na qual a dominação, o controle, a violência e o cultivo do medo não prevalecem. Gerar encontros nos quais uma ética amorosa predomine, requer a construção de laços afetivos seguros e de confiança mútua. Acredito nas brechas como espaços onde relações mais amorosas se constroem. *Sensóriografia* seria uma dessas brechas.

Quais palavras emanamos nas nossas danças, vozes e atos?

Somos feitas de uma linguagem que se desdobra enquanto falamos. Somos compostas de palavras faladas, palavras omitidas, palavras esquecidas, palavras ouvidas, palavras silenciosas, palavras quentes, palavras frias,

palavras imagéticas, palavras abandonadas, palavras duras, palavras familiares, palavras irritadas, palavras nunca ditas, palavras proibidas, palavras empolgadas, palavras amorosas, palavras agressivas, palavras fantasiadas: “Existem muitos tipos de palavras, ainda que de fato todos se reduzam a dois: as que derrubam e as que fazem voar” (BARRIOS, 2014).

As palavras emitidas mostram quem somos em um momento definido e isso não é definitivo. Talvez algumas de suas consequências sejam.

O quanto a palavra te permite intensificar a vida?

Quando a palavra se opõe à vida?

Sensóriografia nos convida a habitar o campo linguístico das sensações e a mover com as localizações geográficas dos afetos. Nem sempre sabemos de onde vem, onde estamos, para onde vamos.

Sensóriografia quer se tornar uma escrita de palavras, sons, movimentos e imagens tecida pela experiência. *Sensóriografia* deseja a palavra incorporada. Uma fala vinda das células, dos calcanhares, do sangue. A subjetividade do sujeito implicada nas palavras faladas, nas letras escritas, nos traços desenhados, nos sons emitidos, nos movimentos e gestos; no que as palavras revelam e escondem.

A palavra aqui é um ato. Um ato que interfere no momento, afeta o acontecimento. *Sensóriografia* pretende inventar e amplificar um corpo subjetivo encarnado em experiências sensoriais e enraizado em gestos, movimentos e atos performativos e cotidianos. Trata-se de assumir os sons, as palavras e imagens advindas do desejo e da poética singular de cada ser em relação com.

A palavra não é onipotente, mas formada de micropotências. O texto, a frase, a palavra, a letra, a linha, o ponto, o nada. Uma folha de papel vazia. O formato único de uma letra escrita pela mão demarca uma singularidade presente no espaço, o som de uma letra emitido, o grunhido, o sussurro. Palavra se desdobrando em significantes, significados. Puxar a ponta das letras até chegar à linha reta e recomeçar.

Palavras compostas de traços, seja em qual idioma for. Com as linhas compostas das pré-palavras, criar laços. *Sensóriografia* é sobre o que cada

palavra carrega em si, sozinha, coletivamente e como parte de algo além dela mesma (HELENA, 2020). A linguagem afeta a cultura, transforma estruturas sociais, modifica relacionamentos, constrói, destrói e reconstrói laços.

A pré-linguagem deixa marcas do desejo no corpo. O conteúdo se cria na pré-fala, na pré-escrita, no pré-gesto, no pré-som, naquele micro instante que antecede o ato de fato. A chegada da caneta no papel, o abrir da boca, o movimento da mão em direção ao peito, em frente ao coração. Enquanto a palavra se forma nos micro gestos antes da voz sonorizar, a sensação já se declarou. Tempos nem sempre simultâneos.

Nem sempre equalizamos o ato e a palavra dita, ou escrita. Nem sempre o que se diz também é o que se faz. O som abstrato da voz afirma algo que o discurso abafa. Harmonia também desarmoniza. Ali encontramos o território da contradição. Adentrar no lugar do conflito. Sentir o choque. Espaço vibrante e aquecido se constitui.

Gelo se transforma em água. Água se transforma em vapor e já não vemos mais. Mesmo assim, ali está. Respiramos essa condensação.

A escrita com a caneta no papel demanda um tempo não sincrônico com o tempo da palavra vinda. Há um tempo de permanência mais estendido com cada palavra na escrita à mão. A velocidade do teclar das letras permite um tempo mais direto entre a chegada da palavra na voz silenciosa e sua existência no papel, na tela ou no ar. Passagem do som pelo canal vocal até sair pela boca. A palavra não precisa entrar na fila. Às vezes ela espera até se transformar em outra palavra ou se tornar um ato.

Sensóriografia quer dignificar a experiência sensorial, linguística e movente infantil, adolescente e adulta. Uma raia traçada no espaço tece um tempo. Uma raia do mar é o próprio tempo. O tempo dela mesma. O tempo do mar. Há quem trace pontos com o pensamento, há quem invente trajetos na ação. Há quem brinca, há quem se cobra por ter pagado com o silêncio. As temporalidades se misturam quando “o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une” (FREUD, 1996 [1907-1908], p. 138). As proporções se relativizam. As vibrações duram o tempo de seus ecos.

Quando criança vivia a dança como brincadeira, a escrita como libertação, a fala como desejo de relação. A dança me permitia sentir o mundo e as complexidades de um corpo inquieto em transformação. A escrita me convidava a olhar para as contradições humanas, questionar ações adultas e acolhia as aflições e sonhos de uma menina. A fala se tornava uma completa estagnação diante do medo, e virava a experiência da alegria ao escoar em ouvidos acolhedores.

Ao habitar o desamparo original, a escrita dava amparo linguístico, a dança ofertava amparo físico, a fala abria e fechava. Três territórios distintos e demarcados no cotidiano como solo fértil de poesia no silêncio, onde pontes de relações se construía na solidão, onde minha humanidade primitiva se formava.

Sensóriografia nos convida a equalizar múltiplos sons e ruídos, escutas simultâneas, ações sobrepostas, memórias fragmentadas, desejos inconscientes avivados e ativados no presente. Às vezes vem uma de cada vez, às vezes várias ao mesmo instante.

A vida não é rígida ou fixa, somos seres móveis. Quando danço, sinto. Quando danço, penso. Quando danço, crio. Quando danço, vivo. Quando danço, sinto o sabor das palavras reverberando na carne viva. Quando danço, a poesia latente no corpo brota. Quando danço, vivo momentos de suspensão do tempo, uma sintonia aguçada com o ao redor. Quando danço, gero amor, desejo destampa e explode!

A dança se constrói em mim como um lugar. Lugar de deixar o desejo mover. Lugar onde ser e estar movem o sentir, o refletir, as trocas, as interações, as sensações. Um lugar para o qual posso voltar.

A dança gera o entusiasmo de estar viva:

A dança sempre é o ato próprio da alegria, não apenas a sua potência, como é a escrita. Imagino que a ideia-dança (o não dito no movimento do corpo) tenha a ver com o inominável da alegria. (TIBURI, 2012, p. 30).

Simultaneamente, a dança acolhe as dores de estar viva. Sentir a carne ao relento, sem pele, tão sensível. Sentir cada gota da garoa como uma explosão na superfície. A raiva berrando no músculo latejante. Músculo grita e enrijece por

não se fazer ouvir. A tristeza não quer sair do quarto. A glória das derrotas acumuladas empoeirou em medalhas perdidas. Neutralidade impossível, o corpo não para. A linguagem não dá trégua. Corpo em estado de presença ou ausência.

A sexualidade latente, pulsando. Entrar e transformar-se em imagens tão acessíveis, ou tão impossíveis ou já existentes. As frestas esgarçam. Gritos continuam ecoando. Toques suavizam um lugar do corpo esquecido. O corpo continua dançando, movendo, sentindo, revelando brechas onde parece não ter ninguém.

Sensóriografia compõe a textura da linguagem que marca o corpo. A escrita seria também uma dança. A relação com a letra vai além da delimitação de uma folha de papel A4. A escrita se torna uma experiência também sensorial e dançante. Deixar a letra dançar. Deixar a palavra dançar. Deixar dançar. Permitir.

A intensão contida num gesto adentra na pele fazendo morada, até mesmo no silêncio. Afetos tocam pelo lado de dentro. Efeitos das palavras materializados nas raízes celulares. A voz ecoa afetações. Voz preenchida com conteúdo afetivo das nossas experiências. tocar afetivamente a palavra transformando seu estado de presença no corpo subjetivo.

A fala liberta tensões. A fala impõe tensão. Aprender a nomear sensações físicas gera a transformação dessas mesmas sensações:

Nix havia aprendido o nome de muitas coisas: das que via, como o papai, a mamãe, o mar, a água ou a irmã; e das que não via, como alegria, sono, raiva ou fome. Mas ninguém tinha lhe ensinado o nome das sombras que se agitavam dentro dela. Como Nix ia explicar o que sentia se não conhecia as palavras?

Era impossível.

O ruim é que as coisas não precisam de um nome para existir, e aquilo que não se pode nomear se torna extremamente inquietante. (BARRIOS, 2014, p. 23).

Sensóriografia surge da marca implicada na especificidade de cada sujeito e das mais variadas formas pelas quais o sujeito - sendo desejante e habitada pelas

pulsões – sente o mundo e experiencia o estar viva revelado em seus gestos, movimentos, sons, palavras, afetos e ações.

Nós, como seres humanas, interagimos umas com as outras através de uma linguagem comum. Cada país vive uma determinada língua, ou mais. Há um código definido a priori, antes da nossa chegada ao mundo. Aprendemos a falar uma língua específica, aprendemos a nos mover a partir de certos códigos gestuais, aprendemos a escrever usando um alfabeto específico.

Não sabemos em qual língua vamos nascer, não escolhemos qual será nossa primeira língua, nossa língua *mãe*: “A língua materna está aí, imediata e incondicional como a própria pele” (MÜLLER, 2013, p. 27-28). Ao nascermos, não sabemos quem é a nossa mãe, quem ela é para além do casulo aquático, quente e sonoro. Nascermos sem saber o nome da mulher que foi nossa fonte de vida por meses, nem do homem de onde saímos. Nascermos sem saber falar *mãe*, sem saber falar *pai*, sem saber nosso nome. Não sabemos quem somos, quem nos tornaremos.

Ao estar viva, mergulho no universo da linguagem sem saber o que isso significa. A linguagem é movimento. A vida é movimento. Aprendemos a nos mover desde muito cedo. Nascermos em movimento. Antes de nascermos somos movimento. Até mesmo antes de nos tornarmos um espermatozoide, afinal o processo de espermatogênese é movimento.

Muitas vezes não é óbvio. O que o sujeito expressa verbalmente, corporalmente, por escrito e pictoricamente não é tão escancarado no início. Um enigma a ser desvendado, contemplado, questionado. Desdobra-se em múltiplas interpretações. Há um universo simbólico singular que habita cada palavra, cada imagem, cada som.

Dicionários de palavras mostram definições específicas de cada termo, enciclopédias de imagens apresentam interpretações universais de símbolos, mas o que uma palavra ou imagem significa para uma pessoa específica num determinado momento é único. Uma mesma sonoridade pode manifestar seu oposto em uma outra cultura. A palavra escrita não toa como a palavra dita. Uma palavra considerada pacífica ao ser lida, pode soar rude ao ser dita por uma voz raivosa.

Levar a palavra ao ateliê para restaurar sua origem primeira. Tocar seu início ao deixá-la nos guiar e nos conduzir ao trabalho de gerar uma artesanía verbal. Não controlamos completamente a matéria linguística, ela é viva. A palavra é vibração, é vida. O movimento é vibração. A sonoridade, a palavra e a imagem são vibrações no espaço.

Muitas vezes a palavra se impõe. Queremos encontrar as palavras certas, mas elas atravessam o planejado e se inserem no discurso antes mesmo do tempo de escolha. A escolha vem depois. Não fico o tempo todo escolhendo as palavras verbalizadas, nem os movimentos realizados. Algumas vezes a escolha se faz a priori. Decoro o texto, mas a tonalidade diz seu oposto.

Somos constituídas por uma linguagem viva habitando um corpo vivo, e vice-versa. Compostas de letras, palavras e sons que se tornam mais familiares ou mais estranhos. Não há escolha absoluta quando falamos, não importa quanto tempo pensemos antes de falar.

A poeta busca escolher as palavras ou se deixa conduzir por elas. Manoel de Barros (2009) confessava não ter controle sobre as palavras, ele se permitia ser o escravo delas. Já Jakobson (2007) dizia que o poeta escolhe as palavras, seleciona cada uma delas minunciosamente.

Sensórigrafia aceita a contradição entre a autonomia da palavra e a responsabilidade daquele sujeito singular que a pronunciou e que se move constantemente. Eu sou a palavra, a linguagem me revela (HELENA, 2020).

escrevo para me despir daquilo que não cabe mais, escrevo para revelar uma fotografia que a máquina não tirou, escrevo para plantar uma árvore nas aflições, escrevo para tocar as rugas que restaram, escrevo para... (Trecho de texto escrito durante um processo de criação em dança, 2015).

Sensóriografia deseja criar modos de relação para além da comunicação consumista, para além de um discurso burocrático ou meramente utilitarista ou baseado em um julgamento superficial (HELENA, 2020). Trata-se de um experimento de brincar com a neurose cotidiana, desafiá-la.

A experiência da *Sensóriografia* me convida a escutar atentamente as manifestações físicas e linguísticas do corpo enquanto estou em movimento.

Trata-se de um deixar-se levar pelas transformações advindas de um contato mais íntimo com a percepção, com suas palavras e sensações evocadas.

Sensóriografia trata do encontro sensível, visceral e poético. Um espaço experimental onde o trabalho artesanal de criar com a linguagem das sensações acontece. O conhecimento sensível abarca o modo particular como apreendemos o mundo, sentimos as experiências e nos posicionamos nas relações. A escritora Clarice Lispector (2004) fala de uma *sensibilidade inteligente* e assume ser essa a inteligência que guia sua escrita:

E, apesar de admirar a inteligência pura, acho mais interessante, para viver e entender os outros, essa *sensibilidade inteligente*. Inteligentes são quase que a maioria das pessoas que conheço. E sensíveis também, capazes de sentir e se comover. O que, suponho, eu uso quando escrevo, e nas minhas relações com amigos, é esse tipo de sensibilidade. Uso-a mesmo em ligeiros contatos com pessoas, cuja atmosfera tantas vezes capto imediatamente. (LISPECTOR, 2004, p. 47).

A *Sensóriografia* reconhece, acolhe e valoriza os saberes advindos da sensibilidade. *Sensóriografia* quer ser uma linguagem poética nascida da experiência de escrever, dançar, falar, sonorizar, abraçando o imprevisível da interação humana. É um pacto de amor silencioso entre quem habita o espaço e a incontrolável realidade exterior, pretendendo uma responsabilidade mútua em uma relação íntima com espaços/tempos/seres (HELENA, 2020).

Como construir uma expansão sensorial do corpo ao escutar as sutilezas avivadas no encontro? Como se abrir às experiências perceptivas reposicionando a linguagem na própria voz? Qual é o lugar do corpo no espaço, no tempo e com outros seres, considerando os vetores de forças e tensões presentes no encontro? Como perceber quando é o momento de desativar os sentidos? Como construir distâncias elásticas que respeitem o desejo de cada ser presente no espaço?

Sensóriografia compreende a subjetividade como a condição de ser humana e estar viva. Seres vivos e vivos carregando complexos sistemas vitais, coabitando um único corpo. Funções sensoriais, afetivas, eróticas, imaginativas, subjetivas, racionais, sexuais, interacionais, relacionais (e tantas outras!) se transformam constantemente na sua ativação e desativação, afetam como percebemos,

compreendemos, decidimos, agimos, criamos, elaboramos, colaboramos e nos expressamos.

A subjetividade implicada nas palavras faladas, nas letras escritas, nos movimentos, nas sonoridades, na visualidade imprime nossa digital linguística no mundo. A palavra revela e esconde. A palavra aqui é um ato capaz de gerar uma mudança na forma como o sujeito se situa em uma situação, como percebe sua realidade, como se posiciona subjetivamente, como é/está em relação outros seres.

Sensóriografia se arrisca a transmitir textualmente o que parece inominável, mesmo correndo o risco de se distanciar de uma tradução fiel. Onde desenhamos a poesia da vida?

Sensóriografia deseja se aprofundar no estudo da linguagem, em sua estrutura, em sua sistematização, em seus labirintos, em sua poesia, em seus tropeços, tecendo dinâmicas verbais inesperadas na construção de discursos, danças, sons, textos e imagens. *Sensóriografia* acredita ser possível estruturar uma forma inventiva e poética de discurso e de interação na arte e na vida cotidiana. Resgatar o poema do livro e incorporá-lo nas ações do dia a dia, rabiscar no óbvio, delirar a norma oculta, falar com números.

Parto da ideia de que a linguagem poética estaria ligada à estruturação de uma dinâmica sensorial da linguagem, que considera a palavra em sua materialidade linguística, e também sua dimensão imaginária, simbólica e real. Uma linguagem capaz de não apenas fazer ver, tocar, escutar, saborear, cheirar, mover e sentir, mas também capaz de inaugurar uma estrutura viva do campo linguístico da interação humana (HELENA, 2020). O que pode produzir modos inaugurais de relação, para além de uma fala burocratizada ou meramente utilitarista.

Há função na fala. A dança resgata algo primitivo e refinado da linguagem. Algo se opera na linguagem. Algo acontece no espaço do silêncio, no espaço onde não havia palavra. Algo se altera em quem fala e em quem escuta, em quem escreve e em quem lê. A função enfatizada aqui é a função poética (HELENA, 2020).

A *Sensórigrafia* aceita a contradição entre a autonomia da palavra e a responsabilidade daquele sujeito singular que a vocaliza, alguém que se move

constantemente. Eu sou a palavra, a linguagem me revela. Somos feitas da textura da linguagem que nos cercou ao longo do tempo. A voz, a escrita e os gestos são preenchidos com o conteúdo das marcas das experiências do sujeito. Há um desejo de traduzir, reescrever, registrar, e recriar as sensações latentes e os sentidos emergentes de um encontro sensível.

escrita a se renovar instantaneamente, persiste, segue no tempo, comigo, em vento. o atordoamento instiga a pensar diferente. movimento acontecendo na pele e tudo mais para dentro e para além. cada nova caminhada, bússola perdida, sem mapa, estrada inacabada, passos continuam, velocidades brincantes. cada vez mais. instaurou a chave do pensamento, quanto mais me aproximo do nascer, mais a sensação se amplia pelas camadas. o intelecto visita um novo lugar. talvez não seja da categoria inaudita, tenho outros vícios, outras formas de deixar falar. mais pássaros soltos dos redutos do corpo, mais os redutos não se justificam por perdurarem, desfazem. madeira vira lenha, uma fogueira nunca é só para um. (Trecho de um texto escrito durante um processo de criação em dança, 2015).

O núcleo das práticas da *Sensóriografia* se encontra na ativação e desativação dos *sentidos*. A palavra *sentidos* aqui abarca três significados: sentidos enquanto sistema sensorio-perceptivo; sentidos de direção; sentidos enquanto significação.

Corpo composto de matéria orgânica viva e de letras. Este estudo centra-se na intersecção entre o processo sensorial e as formações da linguagem, incluindo uma curiosidade em compreender o que seria *o corpo da linguagem* (HELENA, 2020). Como se é no agora, como se está no agora? Dançar com fantasias, juntar restos do passado. A estrutura da linguagem torna-se corpo.

Sensóriografia está se tornando um espaço de experimentação e investigação da criação de formas de viver. Um lugar de encontro onde experiências linguísticas e sensorio-perceptivas são avivadas, desafiadas, despertadas, aguçadas, entrelaçadas, separadas, juntadas, acolhidas, cuidadas, questionadas. Trata-se de um convite à dança, à poesia, à voz, à escrita, e à palavra para serem e estarem juntas na gestação de uma linguagem poética da interação. Para Tiburi, “a fala poética seria análoga da ação gerada na dança” (2012, p. 29). O estudo adentra no encontro entre dança e palavra.

Sensóriografia sonha traçar no espaço as sensações de como se vive própria vida, de como se é vida. *Sensóriografia* quer se mover com estúdios, escolas,

casas, universidades, lares, espaços urbanos, arquiteturas, quer estar com a natureza, com gente, com múltiplas formas de arte, com histórias, com memórias, com materialidades.

Sensóriografia gesta uma disciplina artística, performática e de cuidado que integra dança, escrita, fala, movimentos, sons e interações. A questão do cuidar surgiu recentemente quando preparava um workshop e conferência para compartilhar com arte terapeutas da Ucrânia.

Minha ideia era de que esse Workshop fosse um intervalo criado na crueldade da realidade da guerra, um rasgo nesse absurdo, a escavação de um espaço entre, o cultivo de um instante íntimo. Um respiro em meio ao caos. Um momento de parar para se escutar, se acolher, se conectar com a própria linguagem poética singular. Um instante de abraçar as manifestações brotadas durante as interações presentes.

Ao deixar espaços vazios, lacunas, lugares vagos, geramos um espaço potencial e desejante. Se preencho tudo, o inesperado não cabe. Se tento controlar tudo, a atenção ao sutil se esvai e as surpresas se dissolvem. Se ocupo a página inteira, onde descanso?

Esse Workshop me fez perceber que a *Sensóriografia* também se constitui como uma prática de cuidar de si e de outros seres, mas isso será tema de futuros escritos.

Sensóriografia (Sensorygraphy) é a origem da minha pesquisa de doutorado no *Strucured PhD in Arts Practice* na *Irish World Academy of Music and Dance* da *University of Limerick* na Irlanda. A pesquisa do doutorado surge da integração de múltiplos elementos conectados com o estudo da percepção, do movimento e da linguagem. Cada vez mais vou identificando que o *UM - Núcleo de Pesquisa Artística em Dança da UNESPAR/FAP* e o *Limites em Movimento: Corpo em Questão* integram os nutrientes da bolsa amniótica desse processo.

Sensóriografia é também uma coleção de peças de dança e performances-poemas (*olhar devagar [looking slowly]*, 2015; *experienciando o desejo*, 2015; *tocar devagar [touching slowly]*, 2017; *escutar devagar*, 2017; *saborear devagar [tasting slowly]*, 2021; *abstração_uma improvisação em ato*, 2022); um encontro de artistas em espaços públicos em estado de criação sensível; uma conferência

dançada em desenvolvimento; oficinas-performance (workshop-performance); e existe também no formato de sessões performáticas individuais e em grupo e no formato de laboratório experimental continuado em parceria com o *UM - Núcleo de Pesquisa Artística em Dança da UNESPAR/FAP*.

Licença Poética

A palavra *Sensóriografia* nasceu em 2017 como um desejo de nomear o fazer artístico que acontecia nos meus processos de criação em constante relação com as interações experienciadas na vida cotidiana. *Sensóriografia* foi também apresentada como performance de dança em 2017, no Laboratório do *IMP – Investigação do Movimento Particular* realizado no espaço da Companhia Brasileira, em Curitiba.

Há mais de dez anos me dedico à pesquisa artística com foco nas relações entre dança e escrita e ao estudo da linguagem a partir da psicanálise e do trabalho clínico. Com o tempo, a escrita se desdobrou em fala, palavra, letra, poema, grafia. A dança se desdobrou em movimento, gesto, corpo subjetivo, percepção e sensações. A linguagem se desdobrou em interações, laços sociais, afetos, emoções, trocas, desejo.

‘Sensoriografia’, sem o acento agudo, é o termo em português brasileiro respeitando a gramática formal. *Sensóriografia*, com o acento agudo, é uma licença poética da gramática em ato. O acento agudo parece só um detalhe, mas se observarmos o termo “e” e o termo “é” perceberemos o quando um acento altera o enunciado. O “e” determina uma adição, o “é” marca a ação, o verbo.

‘Sensoriografia’ é também o termo registrado no Brasil e nome fantasia, porém a *SensÓriografia* (com acento agudo) trata da formação das marcas subjetivas e das fantasias que habitam o sujeito.

A grafia da palavra ‘Sensoriografia’ deixa escapar o Ó sonoro e visual do termo. A incorporação do Ó na palavra *Sensóriografia* desafia a formalidade da língua e nos convida para uma brincadeira linguística, sonora e visual que atravessa o simbólico. *Sensóriografia* voa por territórios desejosos.

UM - Núcleo de Pesquisa Artística em Dança da UNESPAR/FAP

Corpo Propositor

Encontro entre tanta gente diferente. Gente vinda de tantos cantos da cidade, trazendo novos ares, levando novos olhares e sentires. No princípio, uma estranha no ninho. Uma novata a procura de um lugar de dança, um lugar de troca que acolha um corpo vivo e desejante.

Ampliação da improvisação dada pela vida. Dar-me conta de que ali, ali mesmo, em terra firme encontrei o paraíso escorregadio. Vivendo no improviso ao estar em contato, com tato. Sentido substancial, carne e matéria recobrando a voz, percorrendo as camadas de dentro. Corpo se torna espaço de surpresas: “O espaço na improvisação é constituído de portas infinitas, às vezes elas se abrem ao mesmo tempo. Às vezes elas se abrem cada qual à sua hora.” (DUDUDE, 2019, p. 44). Deslizei no braço dela, rolei na barriga dele, ela abraçou minha mão, ela soltou minha mão.

Quando criança improvisava, mas não sabia que improvisava por não conhecer essa palavra e nem saber o que improvisar significava. Um fazer tão natural na infância. Um fazer resgatado e ressignificado na idade adulta. Nos encontros com o UM, o improviso retornou com mais maturidade e intensidade. O constante improviso na vida se tornou evidente.

Ao iniciar no UM em 2014, eu experienciava uma transição de carreira. Decidi pausar meu trabalho como psicóloga clínica e me dedicar integralmente à criação artística em dança e escrita e ao trabalho criativo com comunidades, especialmente com crianças e adolescentes. As relações entre percepção, movimento e linguagem já chamavam minha atenção durante as experiências profissionais como psicóloga. Ao adentrar no universo artístico, esse interesse se intensificou.

O conceito de corpo propositor (CP) desenvolvido pela professora, artista, pesquisadora e coordenadora do *UM – Núcleo de Pesquisa Artística em Dança da UNESPAR/FAP*, Rosemeri Rocha da Silva (Rose), veio ao encontro de uma inquietação presente em mim enquanto artista da dança. Não desejava mais dançar coreografias imitadas, desejava criar a partir daquilo que o corpo

subjetivo manifestava na sua relação com o mundo, desejava improvisar a partir do encontro com o discurso do próprio corpo, desejava dialogar profundamente com outros corpos através do movimento, desejava coreografar uma dança advinda de um lugar de verdade.

A ideia de que o “corpo é propositor pelo simples fato de se apropriar do conhecimento do seu corpo-biotipo” (SILVA, 2013, p. 40) possibilitou a compreensão da singularidade de cada corpo a partir do estudo da anatomia e da fisiologia experimental, gerou um entendimento mais aprofundado a respeito das funções da Educação Somática, e promoveu o refinamento da escuta do corpo a partir do próprio mover.

Antes de entrar no UM, eu já havia percebido o quanto os afetos e a capacidade de refletir se intensificam enquanto danço. A atenção se aguça enquanto movo. Quando há um estímulo sonoro e me permito mover pelo espaço com aquele som, a escuta adquire uma dimensão mais fluida e se torna mais fácil sustentar uma atenção natural e relacional, sem forçar.

Também é possível manter um nível intensificado de atenção mesmo quando o corpo permanece, aparentemente, em pausa. Como, por exemplo, na escuta clínica. Na escuta clínica, a relação com as palavras se torna viva, o som de cada letra convida o mover da linguagem. Há presença nos micromovimentos e pequenos gestos manifestados no encontro, há uma fala implicada ali.

Nos encontros com o UM, vivo na prática a amplificação da percepção do corpo no espaço e isso expande o estado de presença nas relações com outros seres, gerando mutações constantes no meu fazer em dança, afinal:

(...) no UM – Núcleo de Pesquisa Artística em Dança da FAP encontram-se corpos que estão em constante transformação, especificamente por esses corpos estarem à disposição da experiência com os estudos perceptivos. A proposta corporal altera o entendimento do corpo, resultando em transformações (físicas, emocionais, políticas e estéticas). (SILVA, 2013, p. 34).

Além disso, iniciei encontros semanais de investigação artística com o músico violoncelista Machison Abreu em 2015. Nessas práticas fui descobrindo o que a dança que se faz através de mim fala, o que ela deseja, o que ela sonha, o que

ela quer revelar, o que ela quer esconder, o que ela quer oferecer, o que ela quer homenagear, o que ela quer desafiar. Uma escuta permanente que vai se constituindo no próprio fazer, vai se modificando ao longo do tempo.

O trabalho que a Rose desenvolve, com foco na percepção e no corpo sensorial, me fez identificar uma curiosidade que já existia. As práticas com o UM enfatizaram a apreensão da relação íntima entre a criação artística e a percepção, explicitando o quanto essa interdependência influencia o modo como sentimos e interpretamos o mundo e nós mesmas.

Desde quando criei o primeiro solo de dança há mais de dez anos atrás, as palavras fazem parte do meu processo de criação em dança, assim como compõem a performance final. Na criação de performances comecei a identificar o enlace entre palavra e movimento enquanto linguagem poética, artística e performática. Assim como ia me dando conta do corpo como lugar sensível e de relação.

A ideia do corpo propositor convocou uma dança relacional e expandida, afinal o CP “é considerado uma espécie de membrana que possibilita uma maleabilidade e permite que essas trocas sejam constantes com o ambiente, possibilitando a transformação desse corpo no mundo” (SILVA, 2013, p. 64).

A elaboração dos mapas de criação, proposto pela Rose, me convidou a traçar novos direcionamentos no trabalho criativo, organizar ideias abstratas, e ir mais fundo no processo de criação em dança:

O mapa dá um sentido para o CP direcionar suas ideias, percepções e ações, de um modo mais atento e ativo, transitando entre os mapas criados no cérebro anterior à ação e durante as ações que também constroem e reconstróem outros mapas, os quais surgem durante a ação-percepção-cognição. (SILVA, 2013, p. 118).

Como artista também da escrita, a palavra tem uma função vital em praticamente tudo o que crio artisticamente. A formulação dos mapas de criação mostrou como a palavra pode ser incluída de uma forma atuante no processo de criação em dança.

Nos primeiros anos do UM, participei como bailarina-criadora-intérprete e desde 2021 participo do UM como proponente no coletivo Arquipélago. Em 2021, minha proposta de investigação em dança focava no estudo do paladar, no saborear e suas relações com a palavra e o movimento. Nos ensaios abertos, eu convidava cada participante do UM a adentrar no processo, colaborar e influenciar a criação da obra. No final do processo, criei um vídeo dança chamado *Saborear Devagar*, em parceria com o músico Luam Clarindo. Além de textos, fotos e outros vídeos experimentais.

Em 2022, o coletivo Arquipélago continuou como um Laboratório Aberto e iniciei o ano com a proposta de focar no aprofundamento da *Sensóriografia*, no estudo das relações entre os movimentos do coração e dos pulmões e compartilhei uma conferência dançada em desenvolvimento. A partir de agosto de 2022, continuarei o Laboratório Aberto *Sensóriografia* mergulhando ainda mais fundo nas relações entre palavra e dança.

Com o tempo, o UM foi se tornando uma fonte nutritiva do meu processo de criação e um lugar frutífero onde decidi permanecer. Um lugar onde o que já estava latente conseguiu emergir, mover e se transformar em uma ideia incorporada a ser maturada e compartilhada.

162

Por uma Grafia Dançante

olhar devagar (looking slowly), 2015

os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar.” (FREUD, 1996 [1907-1908], p. 20).

Escrevo um livro. Vou publicando os textos através da minha voz, por lugares por onde danço. Palavra por palavra. Hoje a vontade é de escrever com a ponta dos dedos, com a saliva, com os fios de cabelo, com a língua. As palavras me acompanham para onde quer que eu vá, sempre. Não há escolha. A palavra salta da pele da mão, chega na beira dos lábios. Não saber de onde vem, mesmo nascendo do corpo que chamo de ‘meu’. Tornar-se porta-voz desse som.

Em 2011, escrevi e apresentei o artigo “*O Artista e sua Arte: reflexões sobre o inconsciente no ato criativo*” (HELENA, 2011), como conclusão da Pós-Graduação em Psicanálise Teoria e Prática. Naquele momento, eu começava a me questionar sobre a função do desejo inconsciente na criação artística. Essa reflexão abriu caminhos para um aprofundamento da minha própria escrita e despertou a sensação de maior liberdade para escrever, experimentar e brincar com a linguagem. A *Sensóriografia* começava a mostrar seus rascunhos ali.

Vivemos um momento marcante na história no qual, provavelmente, há o maior número de pessoas no mundo que leem, escrevem e publicam seus escritos, suas obras, suas criações literárias. Suponho que sentimos mais liberdade de experimentar a linguagem nos tempos atuais. Ao mesmo tempo, sinto que a aceleração contemporânea em algumas culturas nos faz abandonar determinadas palavras e responder rapidamente algo que precisaria de mais tempo de elaboração.

O vocabulário se restringe. Não há como escapar. Adquirimos hábitos linguísticos do nosso tempo, isso afeta o modo como dialogamos e nos relacionamos. Em algumas regiões, não só palavras desaparecem, mas o idioma some, morre. A língua se torna inacessível para sempre.

Há idiomas jamais lembrados, jamais recuperados. Os detalhes da língua se foram junto com as últimas pessoas que carregavam essas raras preciosidades linguísticas em si, na alma, no corpo, na voz. Idiomas não codificados em um sistema de escrita. Transmissão de saber através da oralidade. Idiomas que não houve quem quis aprender, registrar e passar adiante.

Constantemente lidamos com aspectos práticos, operacionais, burocráticos, sistemáticos na nossa rotina, mas a interação humana não se limita a isso. A poesia e a arte de contar histórias se rebelam ao utilitarismo excessivo da linguagem. Elas abrem brechas no pensar enrijecido.

Atualmente, a arte de transmitir experiências de vida para as gerações seguintes vai se tornando uma função também dos livros e da tecnologia. Momentos de contar histórias olhando nos olhos e de recitar poemas sentindo a vibração do coração se tornam raros, mas continuam sendo fundamentais.

Sabemos que desde que existe humanidade, há o desejo de expressão, manifestação, transmissão, interação, relação e comunicação. Escrevo a palavra comunicação com receio. O uso capitalístico e utilitarista do termo desnutriu seu fundamento.

Lembro quando visitei um museu em Berlin e vi pedaços de rochas com vestígios de marcas pictóricas humanas milenares. Um idioma completamente desconhecido, uma linguagem incompreensível ao primeiro olhar. Mesmo assim, consegui sentir o desejo de expressão manifestado naqueles símbolos, naquelas formas, naquele alfabeto, naqueles desenhos.

Não é possível aprender todos os idiomas humanos ainda vivos, não aprendemos nem os nossos idiomas nativos brasileiros na escola. Não é possível saber do efeito de cada língua na nossa forma de viver.

O desenho talvez seja uma forma (tanto arcaica e primitiva quanto contemporânea e refinada) de deixarmos marcas que atravessam os limites da letra. Letras são traços. Aprendemos primeiro a fazer linhas, letras de forma, depois vamos ligando as letras intencionalmente e construindo formas gráficas identificáveis pela nossa cultura e por nós. Uma criança pode não saber escrever ainda, mas ela compreende rapidamente o potencial expressivo do papel, do lápis, do corpo, da voz, da palavra.

O trabalho de escrita e compartilhamento do texto em tempo real vinha acontecendo desde 2015 quando criei a performance escrita *olhar devagar (looking slowly)*. Essa performance trata da simplicidade do gesto e do convite à pausa e à lentidão, olhar mais de perto, mais lento, mais atento, sentindo, percebendo. Um poema-perfomático de escrita, movimento e interação dedicado ao devaneio e ao encontro sensível. Essa performance é um dos nutrientes da *Sensóriografia*.

olhar devagar (looking slowly) surge das micro sensações advindas da percepção dilatada e da interação. Presenciar o acontecer da cidade a partir da escrita feita na experiência de viver os encontros que o devaneio e a atenção ampliada podem gerar. Encontros com o espaço, com detalhes, com outros olhares (HELENA, 2020).

Ir até espaços públicos da cidade, geralmente no final de tarde ou a noite, e contemplar o movimento, pessoas em trânsito pelas ruas, árvore balançando, cheiro de quentão. Sento-me no chão com papéis e canetas, organizo os materiais, entro num estado amplificado de relação, atenção e contemplação e escrevo. Uma escrita advinda do contato com a máquina de escrever ou com a caneta no papel, ou com tinta no chão ou na parede. Uma escrita sensível proveniente de um lugar de paciência, de imersão no ambiente (HELENA, 2020).

Um chamado sutil a olhar devagar, a respirar, a pausar para um momento de singeleza, de troca, de comunicação. um encontro entre singularidades, disponibilidades, liberdades, distâncias, tensões, horizontes. Uma escrita advinda da percepção ativa, das sensações despertadas ao estar ali naquele ambiente e com aquelas pessoas que passavam ou permaneciam naquele lugar, naquele momento. Ao terminar de escrever em uma folha inteira, eu colocava a folha no chão virada no sentido de quem parasse na minha frente.

Este ato gerou situações inusitadas e encontros com pessoas que passavam pela rua e de repente pararam, leram o texto, ouviram um trecho, dialogaram, perguntaram, falavam sobre si, recordaram memórias, compartilharam dores. Muitas vezes as pessoas paravam me perguntavam o que escrevia, se era poeta, poetisa, se era jornalista, o que estava fazendo ali. Houve quem contou do seu passado, falou sobre perdas, filosofias e ideais. Trabalhadoras e trabalhadores que faziam uma pausa para prosear, moradoras e moradores de rua relataram suas histórias de vida. Um deles contou que gostava de escrever e escrevia muitas cartas quando vivia na prisão. Naquele instante, ofereci caneta e papel a ele. Ele aceitou, encontrou um lugar de solitude naquela praça, apoiou o papel e o copo que segurava e escreveu um texto em formato de carta. Ele endereçou essa carta a mim e quis me dar seu escrito. Ele escreveu trechos de sua história e sonhos para seu futuro. A partir desse encontro, passei a oferecer caneta e papel a outras pessoas que se aproximavam e de alguma forma expressaram o desejo pela escrita.

Houve quem aceitou o convite à escrita e escreveu um bilhete, uma carta, sua história, uma poesia, um manifesto, palavras soltas, algo que jamais saberei. A performance tornou-se um lugar de troca generosa, de diálogo sincero. A superação do receio de estar sozinha sentada em um espaço público da cidade

gerou trocas que despertavam segurança, mesmo ao me deparar com o não familiar. A marca de cada ser ia se tornando matéria verbal e nutria meu desejo enquanto artista na rua e escritora performática.

Essa performance advém de uma política brotada de uma poética do micro, do calor íntimo, do encontro sensível, da linguagem sensorial. Uma poética da vitalidade dos laços afetivos. Uma busca pela dignificação do singelo e do abstrato das relações.

A vida urbana nas grandes cidades difere do ritmo de uma vida em ambiente rural, o modo como convivemos e criamos laços com a comunidade, com o espaço e com o tempo. Em algumas cidades do interior, há pessoas que te tratam com afeto, receptividade e acolhimento e querem prostrar, mesmo sem te conhecer.

Estar escrevendo sentada no chão de petit-pavê no centro urbano se tornou um convite. Descobri o quanto há pessoas que querem falar, querem viver momentos de partilha, mesmo no agito de uma cidade grande. Laços comunitários e de amor constituem o desejo de compartilhar e trocar mesmo com uma estranha.

Ao perceber o quanto estava sendo tomada pela aceleração, pressa e falta de delicadeza, decidi parar apenas para sentir e perceber. Contemplar a paisagem urbana. Habitando aquele instante consegui olhar quantas coisas belas e absurdas acontecem simultaneamente ao redor do corpo e quanta palavra nasce ao olhar outros seres com afeto e curiosidade. Palavras que querem tocar. Ouve-se um chamado, acende a vela. Sensações viram escrita sobre pontos de vista, deslocamentos e pausas. Um olhar que toca, lambe, vibra. Vê, enxerga, olha, observa. Sem nos tocarmos, aquecemos os cantos da cidade.

O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade. A linguagem preservou essa relação entre o brincar infantil e a criação poética. (FREUD, 1996 [1907-1908], p. 135-136).

A performance *olhar devagar [looking slowly]* nasceu da busca em ampliar o saber de uma escrita sensorial e compartilhar a importância de olhar devagar para si e para o outro, um olhar que vaga por aí sem pressa, sem pressão, apenas na contemplação da vida e na abertura dos encontros que podem vir a acontecer. Ao mesmo tempo, trata-se de uma homenagem a quem trabalha ou vive pelas ruas de Curitiba. A performance tornou-se um lugar vivo, intimista, gerador de encontros e de experiências públicas e privadas.

O texto do Jorge Larrosa Bondía (2002), *Notas Sobre a Experiência e o Saber de Experiência*, inspira esse trabalho.

Limites em Movimento: Corpo em Questão

Audiopercepção

Em 2016, o músico Machison Abreu me convidou, a pedido da Andréa Sério (professora, pesquisadora, artista e coordenadora do *Limites Em Movimento: Corpo em Questão*), para participar de uma intervenção do *Adaptat*, uma criação de Lívea Castro com direção de Andréa Sério, na UNESPAR. Ele contou que a Andréa gostaria de incluir a escrita nesse trabalho.

Cheguei no encontro com minha máquina de escrever, conversamos brevemente e começamos. Eu escrevia enquanto o Machison tocava violoncelo e a Lívea e o Moisés Batista dançavam. Através da escrita, meu corpo adentrou em estado de dança. Ao teclar e mover os dedos das mãos, os olhos, a cabeça, a coluna, os ouvidos, a escuta, eu dançava com eles.

A dança acontecia através da fisicalidade da escrita, a sonoridade através do som da máquina de escrever. Sensações reverberantes habitavam o espaço corpo e a linguagem advinda dessas ações. Associar a escrita de um texto poético com o trabalho físico das mãos parece óbvio, porém a escrita feita com as mãos conduz a linguagem do corpo inteiro, não apenas de um lugar isolado.

As palavras no papel se transformavam nas ressonâncias poéticas desse encontro. Não buscava uma descrição objetiva da dança ou da cena, mas sim uma manifestação poética em palavras de um encontro sensível com aquele

acontecimento. A subjetividade estava completamente implicada naquele instante. A escrita acontecia como um improviso textual.

Escrever uma dança vem do dançar junto, do adentrar naquela experiência cinestésica, mesmo estando há metros de distância. Um envolvimento íntimo no acontecimento que é vivo.

Quando a Andréa Sério me convidou para exercer o ofício da audiopercepção no *Adaptat*, a escrita se deixou penetrar pela poesia silenciosa dos gestos e dos sons, a escrita ia gerando palavras imprevisíveis no papel:

Audiopercepção, conceito proposto por Andréa Sério, é um recurso poético de acessibilidade a obra, permite que o público tenha um contato audível com a obra, podendo ouvir todos os textos produzidos em tempo real, criados pela artista [----]. (Disponível em: <https://www.nomovimento.org/poesia>. Acesso em 01 jul. 2022)

Quando a dança e a música entravam em estado de conclusão, a leitura do texto começava, como se uma nova escrita se inscrevesse no ar. A melodia da voz e a cadência das letras formavam uma atmosfera para além do papel, a continuação do movimento da dança, a reverberação da musicalidade presente nas matérias.

Voz faz poesia. A leitura do texto como a continuação da performance. A textura do timbre, a melodia, as pausas entre uma palavra e outra, a entonação, a intensão, o volume, o peso, as inspirações e expirações. Não se trata de uma leitura neutra, mas de uma leitura enquanto acontecimento. Uma leitura vinda do mesmo lugar subjetivo onde a escrita acontece. Um convite a um passeio ao compartilhar a experiência de adentrar num território de sensações vivas:

A leitura do texto poético, produzido durante a performance (...) inaugurou o conceito de audiopercepção. Este tipo de acesso à arte, permite que o público tenha um contato audível com a obra, porém, não tem a pretensão de descrevê-la objetivamente, como normalmente ocorre nos processos de audiodescrição. O conceito assume as múltiplas possibilidades perceptivas do texto poético como via de acesso à subjetividade característica da arte. (SÉRIO, 2017, p. 25).

Ler não para me fazer entendida, mas para gerar no espaço uma atmosfera de sensações. Uma ativação da percepção, da imaginação e da memória através de uma poética da palavra dançante. Não sou áudio-descritora, até mesmo porque não sei bem como descrever. Escrevo, danço, sinto e deixo o desejo levar o ato da escrita, deixo-me ser afetada pelos encontros. Uma escrita que é também uma dança. Uma dança onde o papel se torna o chão suportando o peso da linguagem, um chão sendo demarcado por palavras vivas.

Jamais saber quais palavras surgirão. Por vezes o espaço chama, por vezes os corpos moventes guiam, por vezes a natureza acolhe, por vezes os detalhes da arquitetura provocam, por vezes quem para faz despertar. Tudo acontecendo junto, no mesmo instante.

O foco também é móvel, como a dança acontecendo ali. Não olhar apenas para os corpos que dançam, ativar também a visão periférica, a visão da pele. A sensação tátil também fala, compõe letras no corpo e se estendem até a folha.

O espaço como um todo integra o movimento do tempo. A escrita habita a temporalidade da dança, ocupamos juntas um lugar específico na terra. O olhar vai e volta, a cabeça sobe, desce, vira para os lados, olhar para cima, para trás. Olhar tocando o papel, a máquina de escrever, os meus dedos, a dança, os detalhes daqueles corpos, o espaço e quem nos atravessa. Um olhar amoroso, desejoso e calmo. Um olhar que vai se deliciando com cada fragmento presente no momento. Um olhar dedicado à vitalidade do encontro artístico.

Sensações ativadas, olfato escreve, a escuta escreve, toque escreve, cinestesia escreve.

Em uma residência artística com artistas do *Adaptat*, a dança aconteceu na areia e no mar. Não escrevi no papel, a escrita migrou para a areia. Saber da efemeridade daquelas letras no chão. Saber que logo a natureza transformará palavras em uma superfície abstrata. Ser o movimento dos grãos de areia. A escrita apagou com as ondas, assim como o som da música disseminando com o vento.

Se mirarmos a lupa em um ser vivo e nos distanciarmos até sair da Terra, aquele ser se tornará parte indistinguível de uma matéria redonda e azul. Voltando com a lupa para bem perto desse mesmo ser e trocando a lupa por um nanoscópio,

enxergaremos outros universos, outros seres. Cada nano partícula do mundo impacta transformações para além de seu tamanho. Jamais saber até onde a palavra vai, até onde a escrita chega, quanto tempo ela dura na liquidez do mar subjetivo. Mesmo assim, continuar. Uma gota move o oceano.

Posfácio

A surpresa das sensações despertadas no encontro com o inusitado e a linguagem poética a florada ao estar em ressonância com outros corpos em estado de criação continuarão direcionando a atenção dessa pesquisa. *Sensóriografia* é um trabalho dedicado à sensibilização das relações e requer confiança, determinação e persistência.

Esse texto marca um momento, registra uma etapa dessa investigação artística e revela um desejo de continuidade e aprofundamento. Esse texto também testemunha a importância dos projetos de extensão *UM - Núcleo de Pesquisa Artística em Dança da UNESPAR/FAP* e *Limites em Movimento: Corpo em Questão* na construção democrática de saberes em dança. Agradeço à Rose Rocha e Andréa Sérgio por acolherem a arte que me constitui e sustentarem esses grupos de pesquisa em dança.

Muitas ideias aqui compartilhadas nasceram do trabalho permanente com esses dois grupos e continuam sendo cultivadas por esses encontros. A criação e manutenção de espaços de pesquisa em dança receptivos à corpos diversos advindos de outros ambientes e de projetos artísticos, culturais e performáticos contínuos e abertos à comunidade é urgente. Não apenas no Brasil, mas no mundo.

É também nossa responsabilidade promover acesso à pesquisa em dança, contribuir para a construção do saber democrático em dança e gerar ambientes onde a sensibilidade pode ser acolhida e se tornar matéria fértil nos processos de criação. Promover a inclusão de pessoas de outras áreas na área da dança também inclui a dança no diálogo com outras áreas do saber, além de resgatar a dança como uma linguagem capaz de fortalecer laços sociais e comunitários. A pesquisa em dança vai além de uma aula de dança. Ela considera a singularidade daquele ser que deseja mover e sua linguagem específica. A

pesquisa em dança abre espaço para a descoberta e para o aflorar da subjetividade daquele ser que dança:

A pesquisa em dança é um caminho para o artista encontrar outros nexos de sentido nas suas relações com a dança, com a arte e com a vida, no entanto, o corpo é o lugar onde a investigação do movimento acontece, na relação da ação-percepção-contexto. (SILVA, 2013, p. 20).

Sensóriografia seguirá em processo de maturação e transformação. A cada dia uma nova mudança acontece. Novos desdobramentos estão por vir. *Sensóriografia* deseja mover-se na imensidão da permanente construção de saber teórico e prático, considerando a investigação e pesquisa artística como uma forma de amar.

A *Sensóriografia* surgiu do enlace entre o trabalho de pesquisa em dança, as experiências com a escrita criativa e com a psicanálise. O desejo de compreender como produzimos linguagem se uniu ao estudo das sensações advindas do campo linguístico.

Sensóriografia persiste em se inscrever numa definição aberta. Quer se tornar um conceito incorporado e movente, uma palavra falada, experienciada, dançada, viva, tocada. *Sensóriografia* nomeia uma experiência sensorial da linguagem. *Sensóriografia* é um manifesto do potencial sensível dos encontros. Um instante para se encontrar com a criação poética emergente na troca amorosa, desejosa. Esse texto é uma primeira viagem ao campo semântico e móvel da *Sensóriografia*.

171

Referências Bibliográficas

BARIOS, Nuria. **O Alfabeto dos Pássaros**. Tradução Carla Branco. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

BARROS, Manoel. **Caderno I – Coleção AmorÍmpar**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas Sobre a Experiência e o Saber de Experiência**. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002, p. 20-28.

UDUDE. **Ela Sentou na Cadeira**. Belo Horizonte: Ed. Do Autor, 2019.

FREUD, Sigmund. **Escritores Criativos e Devaneios. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Volume IX. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1907[1908]).

HELENA, [---]. 2022. Sensorygraphy: words in movement as a sensitive manifestation of the heart and lungs. **Anais**. XIX International Interdisciplinary Scientific and Practical Conference. SPACE OF ART THERAPY: the place of the individual in times of social transformations. All-Ukrainian NGO, Art Therapeutic Association, Institute of Social and Political Psychology of the National Academy of Pedagogical Sciences of Ukraine. Kyiv, Ucrânia, 2022. Conferência e Workshop. p. 66-72.

HELENA, [---]. **Sensorygraphy | Sensóriografia, Primeiras Reflexões em Dança, Escrita e Percepção**. XV Mostra UM's e Outros 35 Anos. Arquipélago Processos Inacabados em Dança da UNESPAR. Curitiba, Brasil. Palestra. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=rfROoKfYagQ>>. Acesso em: 01 jul. 2022.

HELENA, [---]. Sensorygraphy: Performance Poetry as Artistic Intervention. **Polyphony Journal of the Irish Association of Creative Arts Therapists**. Fev/2020. Dublin, Irlanda. Disponível em: <<http://polyphony.iacat.me/words/sensorygraphy>>. Acesso em: 01 jul. 2022.

HELENA, [---]. **O Artista e sua Arte: reflexões sobre o inconsciente no ato criativo**. Artigo (Pós-Graduação Psicanálise Teoria e Prática). Orientador Prof. Doutor Jorge Sesarino. Curitiba: Centro Universitário Dombosco, 2011.

HOOKS, Bell. **Tudo Sobre o Amor: Novas Perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

JAKOBSON, Roman. **Linguística, Poética, Cinema**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

KUNDERA, Milan. **A Insustentável Leveza do Ser**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LISPECTOR, Clarice. **Aprendendo a Viver**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

MÜLLER, Herta. **O Rei se Inclina e Mata**. Tradução Rosvitha Blume. São Paulo: Globo, 2013.

SÉRIO, Andréa. **Corpo em Questão**. Curitiba: Nó Movimento em Rede, 2017.

SILVA, Rosemeri Rocha da. **Uno, Mapa de Criação: Ações Corporalizadas de um Corpo Propositor num Discurso em Dança**. Orientadora: Profa. Dra. Eliana Rodrigues da Silva. Tese (doutorado). Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro. Salvador, 2013.

TIBURI, Marcia. **Diálogo/Dança/Marcia Tiburi, Thereza Rocha**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

Recebido em 15/08/2022, aceito em 11/10/2022